

Carlos Drummond de Andrade – As identidades do poeta

De manhã pergunto:

Com quem se parece Fernando Pessoa?

Com seus múltiplos eus, expostos, oblíquos
em véu de garoa?

Com tripulantes-máscaras de esquiva canoa?

Com elfo imergente
em frígida lagoa?

Com a garra, a juba, o pelo amaciado
de velha leoa?

Quem radiografa, quem esclarece

Fernando Pessoa,

feixe de contrastes, união de chispas,
aluvião de lajes

figurando catedral ausente de cardeais,
com duendes oficiando absconso ritual
vedado a profanos?

Que sina, frustrado destino, foi a coroa
desse Pessoa,

morto redivivo, presentifuturo
no céu de Lisboa?

Que levava (leva) no bolso

Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa:

irônico bilhete de identidade,
identity card

válido por cinco anos ou pela eternidade?

Que leva na alma:

augúrios de sibila,

Portugal a entristecer,

a desastrosa máquina do universo?

Fernando Pessoa caminha sozinho
pelas ruas da Baixa,
pela rotina do escritório
mercantil hostil
ou vai, dialogante, em companhia
de tantos si-mesmos
que mal pressentimos
na seca solitude
de seu sobretudo?

Afinal, quem é quem, na maranha

Que levava (leva) no bolso
Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa:
irônico bilhete de identidade,
identity card
válido por cinco anos ou pela eternidade?

Que leva na alma:
augúrios de sibila,

Portugal a entristecer,
a desastrosa máquina do universo?

Fernando Pessoa caminha sozinho
pelas ruas da Baixa,
pela rotina do escritório
mercantil hostil
ou vai, dialogante, em companhia
de tantos si-mesmos
que mal pressentimos
na seca solitude
de seu sobretudo?

Afinal, quem é quem, na maranha
de fingimento que mal finge
e vai tecendo com fios de astúcia
personas mil na vaga estrutura
de um frágil Pessoa?

Quem apareceu, desapareceu na proa
de nave-canção
e confunde nosso pensar-sentir
com desconforto de ave poeça
e doçura de flauta de Pã?

À noite divido-me:
anseio saber,
prefiro ignorar
esse enigma chamado Fernando Pessoa.

Carlos Drummond de Andrade, Farewell